



UM MOSAICO DE VOZES ABRINDO FRONTEIRAS

Prisca Agustoni¹

Nasci na região mais ao sul da Suíça, na fronteira com a Itália. No meu país de origem, o convívio entre várias línguas no cotidiano é um evento natural, apesar de o italiano ser minha língua “materna”. No entanto, até os três anos de idade, eu só falava um dialeto da região – que não sei ler nem escrever. Essa situação é comum na região onde nasci, isto é, a convivência entre uma língua de berço e do afeto (o dialeto, que é a única língua que uso com pais e irmãos) e a “língua materna”, o italiano, com sua grandiosa tradição literária. Uma língua oral e uma escrita. Duas faces do mesmo cotidiano. Se faço esse breve relato é para explicar quanto esse elemento é marcante para meu trabalho como escritora. O fato de já ter nascido “bilíngue” – vinculada a uma tradição literária das mais importantes para a idade moderna e, por outro lado, atravessada pela oralidade – me impulsionou com certa naturalidade em direção aos outros universos linguísticos e culturais que encontrei na Suíça, primeiro durante a formação escolar (desde pequena aprendi o francês, depois vieram o alemão, o inglês e o espanhol), logo nas experiências que a vida me proporcionou, como foram a longa residência na cidade de Genebra, na Suíça francesa, onde me formei em filosofia e letras hispânicas, e onde de fato meu universo floresceu em línguas, influências, músicas, encontros. O domínio das línguas me permitiu uma experiência singular, acredito: poder ler autores dos mais variados – sempre fui uma leitora curiosa e intuitiva – na versão original. Lembro de ter lido, ainda no ensino médio, o *Macbeth* em inglês, ao passo que descobria a obra do mexicano Juan Rulfo e os abismos interiores descritos pelo suíço Ramuz, esse imenso escritor das montanhas. E lembro de ter começado e interrompido a leitura do *Cien años de soledad*, de Gabriel García Marquez, em espanhol, algumas vezes, antes de conseguir chegar até o fim, e de nunca mais me livrar dessa história.

1 Escritora. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: prisca.agustoni@yahoo.fr



Essa pluralidade de convivência entre as línguas (algumas eu falo cotidianamente) gerou sem dúvida uma predisposição à escuta, à musicalidade, à naturalidade para entrar no universo literário “do outro” sem a mediação da tradução, de forma direta. Nesse sentido, quando escrevo, seja em italiano, em francês ou em português (estas são as três línguas igualmente presentes no meu trabalho de escrita), o faço com o eco sempre presente das outras línguas, com essa outra forma de sentir e dizer o mundo que cada língua carrega dentro de si, como um caracol que leva sua casa para onde for. Às vezes, preciso dobrar a língua que fala em mim para caber na escrita, outras vezes é algum canto da infância em dialeto que não cabe nas línguas que uso para escrever. Mas a consciência das outras línguas é constante e se manifesta no processo de autotradução que desenvolvo desde sempre. Como disse, escrevo diretamente em três línguas, e a língua de base de determinado texto é “escolhida” de acordo com vários fatores, nem todos racionais. Há textos que respondem claramente a uma vivência e, nesse caso, a língua escolhida será a que situa melhor essa vivência; por outro lado, há escolhas que nascem a partir da musicalidade da língua ou da relação que tenho com o processo criativo em determinado idioma. Em italiano, por exemplo, costumo escrever usando sonoridades mais secas, cortantes, essa é uma influência profunda que a obra do Montale exerceu sobre mim quando, ainda adolescente, me deparei com sua poesia. Foi uma fulguração. Em português também me sinto mais próxima de uma poética cabralina, mas aos meus ouvidos, mesmo perseguindo uma dicção enxuta, a língua brasileira parece sempre muito sonora, cheia, exuberante, quase excessiva, daí preciso operar uma “contenção”, puxar internamente um freio, quando escrevo em português. É interessante como funciona esse processo. Aliás, amo escrever em português, é uma experiência que me atravessa no corpo, me faz sentir bem. Quando escrevo em francês, age menos na minha mente a sonoridade da língua e mais a vivência que tenho da cidade francesa (morei quase 10 anos em Genebra), as vastas leituras que tenho no campo da filosofia, da arte, da literatura, da poesia... tudo isso forma um estado de pensamento poderoso que me conduz quando escrevo diretamente em francês. Uma vez que existe o texto original, às vezes trabalho na tradução do mesmo para outra língua. Esse processo de autotradução é complexo porque, para funcionar, exige um alto grau de infidelidade ao original, a tal ponto que às vezes a tradução me obriga a rever o próprio original. Decorre dessa operação que minha oficina criativa se torna complexa, entre um livro que estou escrevendo e outro “traduzindo” e trazendo para dentro de outra realidade linguística e cultural, onde, com certeza, cada palavra soa outra e cria outros agenciamentos de sentido. Mas é desse modo que trabalho e tenho tentado ir ao encontro dos leitores de três campos culturais distintos: o italiano, o francês e o português. Penso cada dia mais que a literatura precisa – com urgência – trabalhar e se enxergar na contramão dos nacionalismos, e ao invés de reiterar a força de determinada “língua-nação” no mundo, ela pode operar a corrosão nessa ideia rígida de fronteira e de pertencimento. O que significa, hoje, ser um autor brasileiro? Seria aquele que tem passaporte; ou aquele que lá vive e cresceu (mesmo sem passaporte brasileiro); ou ainda aquele que vive no exterior desde sempre mas tem passaporte; ou, então, aquele que interfere no contexto literário nacional e nele vive e por ele é influenciado; talvez aquele que sofre os duros

impactos do cotidiano em terra brasileira; ou melhor, aquele que se vincula claramente a uma tradição literária nacional; ou será aquele que conhece a realidade das populações indígenas, aquele que tem descendência indígena ou negra?; talvez a mulher, que sempre foi silenciada na história literária do ocidente, teria mais direito hoje a ser lida, e a reivindicar o que na Itália veio a se chamar de “cotas rosas” em prêmios, antologias, etc.; ou será simplesmente aquele que escreve em português e publica em uma editora brasileira? Como percebemos, muitas são as perspectivas para uma pergunta simples como a que formulei. Da mesma forma como acontece no meu país multilíngue, onde a literatura suíça é aquela escrita por qualquer autor(a) que resida na Suíça ou que tem a cidadania (sem prioridade de um critério sobre o outro) e que escreva numa das 4 línguas nacionais *também*, um autor que atua no cenário literário brasileiro poderia ser, a meu ver, aquele que nele vive, escrevendo *também* em português (independente da “nacionalidade”), além daquele, claro, que é cidadão brasileiro (e nesse caso pouco importa onde vive). Cada dia menos importa, a meu ver, fixar-se no *onde*, *quanto*, *até quando*, e cada dia mais deveria contar o *como* e o *também*: somar no lugar de reduzir. Somar nacionalidades, intercâmbios, línguas, leituras, influências, trocas: em tempos de migrações, viagens, conexões, traduções, este deveria ser o foco, a meu ver, de uma reflexão sobre a produção literária hoje, no Brasil, aberta aos novos ventos e dinâmicas para escutar um mundo em rápida mudança fora das fronteiras nacionais. Importa interrogar-se talvez menos sobre os diálogos com a “tradição” e com qual vertente da “tradição” determinada obra se vincula, e sim pensar se essa dupla ou tripla realidade cultural e consciência linguística vivenciada por muitos hoje fricciona, tensiona, modula a escrita em português. E como a produção desses autores (que escrevem em português *também*), os muitos que vivem fora do Brasil hoje, por exemplo, quando inseridos numa tradição linguístico-cultural outra, redefinem uma noção de “literatura brasileira”, e como esta é recebida, lida, pensada na contemporaneidade. Desde sempre intelectuais e escritores latino-americanos e africanos atuaram fora dos seus países, proporcionaram uma reflexão crítica sobre a própria tradição, interferindo nela. Esse movimento sempre foi mais tímido no Brasil, determinando talvez uma leitura ainda muito autocentrada das referências literárias. Acredito que o tempo para a abertura de perspectiva seja o agora. Acredito que hoje existam pesquisas que vão nessa direção, mas me parece que ainda se concentram apenas no âmbito acadêmico, não afetando o sistema do mercado literário, que é aquele que, bem ou mal, afirma ou nega um cânone. O Brasil tem um processo histórico de esmagamento da sua diversidade cultural e linguística, de onde, acredito, a dificuldade em reconhecer o esforço e a riqueza daqueles que partilham de uma vivência cultural plural: vivências migrantes, dentro e fora do país (penso aqui na riqueza das tradições orais indígenas e africanas no Brasil, relegadas às pesquisas antropológicas, mas que alimentam o pensamento-corpo de autores fundamentais para o país, alguns muito atuantes, mas que custam a ter a visibilidade que, em outras realidades plurilíngues, já teriam alcançado).

Quanto às minhas influências literárias, posso dizer que nem todas são literárias. Grande importância tiveram os anos em que pintava e estudava artes, eles me ajudaram a desenvolver

uma reflexão imagética sobre o real. Minha poesia é, na maioria das vezes, ligada a imagens. Claro que existem leituras fundamentais que marcaram meu gosto, mas, de novo, não sou muito disciplinada quanto a isso: os autores que mais me marcaram sem dúvida foram Kafka, Celan, Alejandra Pizarnik, Musil, Eugenio Montale e Vittorio Sereni, Baudelaire, Fernando Pessoa do *Livro do Desassossego*, Marguerite Duras e Camus, e entre os contemporâneos, principalmente as mulheres, como a poeta italiana Antonella Anedda, a americana Sharon Olds, a canadense Anne Michaels na prosa, a francesa Annie Ernaux e a poeta angolana Paula Tavares, só para citar algumas. Forte impacto teve em mim, durante a formação do mestrado em *Gender Studies*, a tomada de consciência de fatos históricos relacionados ao mundo do trabalho operário das mulheres da minha região, o que acabou entrando no meu segundo livro de poesia, *Irmãs de feno*, de 2003. Outro grande marco para minha escrita foi o doutorado que cursei na PUC-Minas, durante o qual descobri e li muita literatura africana de língua portuguesa. E no que diz respeito à musicalidade da língua brasileira, sem dúvida sou devedora de Caetano Veloso, talvez o artista que mais soube atingir o cerne da minha sensibilidade para com a sensualidade da língua. Quando ele canta me sinto transportada para uma experiência sensorial única. Comoção e prazer são dois motores poderosos do humano e para uma leitura mais humana do mundo.

Riva San Vitale, Suíça, 14 de março de 2019

1 ano da morte de Marielle Franco

#MariellePresente